

O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA CAPOEIRA EM MERCADORIA: ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA CAPOEIRA MODERNA

Benedito Carlos Libório Caires Araújo

Mestrando do PPGE do CED/UFSC
Membro do MOVER da LEPEL/UFBA
Bolsista FAPESB – CAPES

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de demonstrar, a partir da teoria do valor em Marx, como a docência de capoeira se transforma em mercadoria. A pergunta que nos orienta é: como uma atividade ilegal em 1889 passa a ser símbolo de brasilidade nos dias atuais? Definimos a década de 1930 no Centro de Cultura Física Regional como ambiente principal da nova forma social da capoeira.

PALAVRAS-CHAVE: *Docência de Capoeira, Mercadoria*

ABSTRACT

This work has the purpose to demonstrate, from the theory of the value in Marx, as the teaching of capoeira if transforms into merchandise. The question that in guides them is: How an illegal activity in 1889 starts to be a brazilian symbol in the current days? We defend the decade of 1930 in the Centro de Cultura Física Regional as surrounding of the new social form of the capoeira.

KEY-WORDS: *Teaching of Capoeira, Merchandise*

RESUMEN

Este trabajo tiene el propósito de demostrar, a partir de la teoría del valor en Marx, como la enseñanza del capoeira si transforma en mercadoria. La pregunta que en guías son: ¿Cómo una actividad ilegal en 1889 comienzos ser un símbolo brasileño en los días actuales? Defendemos la década de 1930 en el Centro de Cultura Física Regional como rodear de la nueva forma social del capoeira.

PALABRAS-CLAVES: *Enseñanza de Capoeira, Mercancía*

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de pesquisas sobre as possibilidades de articulação entre os estudos d'O Capital e a compreensão da forma inicial da *Capoeira Moderna*¹. Visto isso, analisamos a capoeira enquanto mercadoria, enfatizando a transição entre a prática da capoeira relatada nos anos de 1789 à 1943 nos boletins de ocorrência de delgacias e prisões, e aquela praticada por membros da *sociedade respeitável* da Bahia do século XX.

As relações entre marginalidade e aceitação social constituem os princípios que estruturam a transição da Capoeira na década de 1930, nessa ocasião observamos no ato da fundação da Luta Regional Baiana um emblema do processo de privatização desta prática social.

Partindo desses pressupostos, levantamos a seguinte questão: como uma atividade ilegal em 1889-1941, passa a ser símbolo de brasilidade nos dias atuais?

Para essa tarefa, buscamos compreender as determinações históricas gerais que sustentaram a hipótese da construção do VALOR² da capoeira, consumida enquanto mercadoria, pelos *capoeiristas*³, caracterizando um processo de cisão entre os interesses dos Capoeiras⁴ e as transformações dessa manifestação.

A partir desse diagnóstico, entendemos que as '*aulas de capoeira*' representam a mercadoria principal a partir da qual se desdobram as outras mercadorias.

BRASIL: NOVA FORMA PRODUTIVA

Nesta seção faremos uma pequena digressão histórica com finalidades didáticas para tornar mais claro as proposições que levantaremos sobre as transformações da capoeira no século XX. Nessa direção chamamos a atenção que para compreender a ascensão do movimento da capoeira, partiremos do movimento social que a gerou, a fim de entender as transições mais gerais da sociedade brasileira, fruto de um capitalismo tardio situado na periferia do mercado mundial.

Assim, de acordo com Fernandes, 2006, podemos identificar como “espírito revolucionário” no Brasil o rompimento com a lógica estrutural que o caracterizava desde os tempos de colônia, que só haveria de acontecer no final do século XIX, na constituição de uma elite nacional com relativa autonomia nos setores econômicos, capaz de promover as mudanças estruturais que se concretizariam nos anos 1920 a 1930.

A primeira menção oficial à prática de capoeira data de 25 de Abril de 1789, neste contexto a capoeira era vista enquanto prática criminal, de acordo com Nireu Cavalcante, o registro policial cita a prisão de Adão, pardo, escravo, acusado de ser “capoeira” (“O Capoeira”, Jornal do Brasil, 15/11/1789, citando do código 24, Tribunal da Relação, livro 10, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro).

¹ Chamaremos esse movimento específico da Capoeira, pelas características que ela possui ao constituir-se como mercadoria, característica que assinala a era moderna, ou a era do capital, que em sua essência é a mercadoria. Marx (1988).

² Estrutura central da mercadoria, segundo Marx (1988), Para ser mercadoria, a capoeira precisava ter valor útil e valor de troca, unidade interna e essencial para compreender as possibilidades de uso e de troca do ensino da capoeira.

³ Para fins didáticos definimos como o “Jogador” de capoeira, mero usuário dessa atividade. Nomenclatura ligada a atividades esportivas, que definem as relações apenas como atividades corporais.

⁴ Para fins didáticos, utilizaremos esse termo para diferenciar o produtor da capoeira (aquele que tem relação orgânica com o movimento da Capoeira), dos sujeitos envolvidos apenas com o consumo da capoeira (capoeiristas).

É mister na história da capoeira dos séculos XVIII até meados do século XX, essa relação entre marginalidade e sua prática, traço que é confirmado por historiadores, que versam sobre essa temática⁵.

Segundo Soares (1994), a transição da situação social dos *capoeiras*, ligados às práticas pouco respeitáveis da sociedade é o que constrói o argumento de que os *capoeiras* de outrora, estavam engajados no *mercado de trabalho* como seguranças, leões de chácara e outras funções que utilizavam das valências beligerantes dos capoeiras do século XIX e início de XX.

O argumento que levantamos é que a capoeira só passa a se estruturar na forma como conhecemos, graças as transformações sociais desencadeadas por uma elite com características *burguesas*⁶.

Feito este parêntese, acentuamos que no final do século XIX e início do século XX a capoeira enquanto prática/ritual ainda não se constituía como uma mercadoria, mas, como uma qualificação que habilitavam os capoeiras a ingressarem no mercado de trabalho. O período histórico de maior proeminência para esta expressão do fenômeno ocorre no final do século XIX. Segundo Abreu (2005, p.10) iniciada pelos, “[...] capoeiras baianos [...] que formaram a tradição do jogo da capoeira baiana, hoje universalizada como o jogo da capoeira”. Entretanto, *a luta pela sobrevivência* no novo sistema social atribui características distintas para capoeira em diferentes locais.

As documentações presentes nos estudos de Pires (2001) e Soares (1994; 2001) nos trazem um panorama carioca da capoeira no Império e primeira República. No caso da Bahia, Abreu (2003; 2005) trouxe os elementos dessa manifestação que se apresentava de forma diversa. No caso de Pernambuco, Silva (2006, p.44) descreve a capoeira deste período como prática de *valentões*. Apesar de considerarmos neste estudo as expressões da capoeira nestas três localidades, estamos cientes de que houveram práticas semelhantes em diversas regiões do Brasil e de toda América escravocrata.

No Rio de Janeiro do século XIX, os capoeiras assumiram uma perspectiva mais beligerante e organizativa, como Annunziato descreve, ao contrário da Bahia, que trazia aspectos mais lúdicos em sua prática:

Os registros policiais baianos não fazem menção à “capoeira”. Mesmo a partir do código penal de 1890, o enquadramento legal não se dava pelo artigo 402, mas, por exemplo, pelo artigo 303 por “lesões corporais”. Pires (2004, p.161) alude à “possibilidade de existência de uma intensidade lúdica maior entre praticantes baianos”, afirmando que “alguns aspectos lúdicos se revelaram muito mais pelos indícios orais do que pelos contidos nos registros jurídicos e policiais” (Idem, 2006, p. 09).

Os registros relativos à prática da capoeira no século XIX, no geral, referem-se a: prática de valentões, atividade lúdico-recreativa, todas ilegais e mau vistas. A explicação sobre a capoeira na primeira república (1889 à 1930), responde, assim, a finalidade de contextualizar o *terreno* sob o qual se edificaria, a partir da década de 1930, uma nova forma de manifestação da capoeira.

⁵ Abreu (1999, 2003 e 2005), Pires (1996 e 2001) e Soares (1994 e 2001)

⁶ A burguesia possui um processo histórico diferenciado no seu aspecto fenomênico, mas as características essenciais a definem como presentes no Estado nação Brasil pelos espíritos liberais crescentes nas capitais e nas suas representações sociais como o movimento abolicionista e republicano defendido pelos políticos liberais. Burguês é o sujeito que detém os meios de produção, e ‘*aluga*’ a força de trabalho daquele que só possui isso enquanto meio de subsistência.

Nesta direção, iniciamos um segundo momento do debate, neste buscamos analisar a adaptação da capoeira aos valores sociais capitalistas. Neste sentido, articular o desenvolvimento da capoeira com seus respectivos contextos históricos nos séculos XIX e XX, na região do Recôncavo Baiano⁷ (ABREU, 2005), constitui a chave para o entendimento da relação da capoeira no mundo capitalista.

CAPOEIRA COMO MERCADORIA: BASE DE ANÁLISE DA CAPOEIRA MODERNA

Para compreender melhor essa relação entre capoeira e a estrutura produtiva, partimos da análise da sociedade capitalista, aludido por Marx (1988, p. 45): “como uma ‘imensa coleção de mercadorias’ [...]”. O ponto de partida, neste sentido, será a identificação de um momento histórico em um lugar específico: a cidade de Salvador da década de 1930. Neste contexto acentuamos que do encontro entre José Cisnando Lima e Manoel dos Reis Machado surge os elementos essenciais para a mundialização dessa manifestação sete décadas depois. (DECÂNIO FILHO, 1996-B)

Alguns esclarecimentos sobre essas duas personalidades se fazem necessários. Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, a maior personalidade da *capoeira moderna*. José Cisnando Lima é o responsável pela formação da primeira turma de capoeira composta por estudantes de medicina, além de ter dado uma nova forma a elementos tradicionais da capoeira (DECÂNIO FILHO, 1996-B). O detalhe é que eram quase todos cearenses, incluindo ele. Naquela época a Faculdade de Medicina da Bahia (primeira do Brasil) era uma referência nacional, em ensino superior, onde estudavam os filhos da elite do Nordeste do Brasil. Note a interpretação dada ao encontro pelo aluno mais velho do mestre Bimba, ainda vivo, Dr. Decânio, “Cisnando trazia no bolso uma senha... [sic] o acesso ao Palácio e ao Interventor da Bahia, o Ten. Juracy Magalhães” (DECÂNIO FILHO, 1996-B). A citação reflete a importância desse momento que, em suma, possibilitou: a permissão oficial da prática da Luta Regional Baiana, do registro oficial do Centro de Cultura Física Regional e do título de professor de Educação Física a Manoel dos Reis Machado.

O mundo na década de 1930, já havia passado por uma revolução socialista, uma guerra mundial e a primeira crise estrutural do capital. A necessidade de novos mercados obrigavam as políticas internacionais a apoiar, em várias esferas de influência, progressos em países que vivem a margem do mercado (FERNANDES, 2006).

No bojo destas transformações, Juracy Magalhães⁸, aos 26 anos assume o cargo de interventor do Estado da Bahia, contrariando a tradicional elite baiana (RISÉRIO, 2004).

⁷ Cabe aqui uma ressalva. Segundo Florestan Fernandes, o Brasil viveu um capitalismo específico de periferia do mercado mundial, assumindo características do modo de produção agrária de monocultura extrativista. Isso reflete toda composição social da Bahia até meados do século XX, onde se inicia, pelo menos nas capitais brasileiras, uma urbanização burguesa aos moldes europeus do século XIX.

⁸ Juracy Magalhães, natural do Ceará (outra coincidência?), representante do movimento Tenentista^{*1}, insere-se neste contexto, pela via do Estado populista^{*2} da era Vargas^{*3}.

^{*1} – Movimento dentro das forças armadas brasileiras, liderada por jovens oficiais, que desejava o fim da política do café com leite e sintonizava com idéias democráticas de influência liberal, pregadas por Vargas nos anos de 1930.

^{*2} – Historicamente, no entanto, o termo populismo acabou por ser identificado com certos fenômenos políticos típicos da América Latina, principalmente a partir dos anos 1930, estando associado à industrialização, à urbanização e à dissolução das estruturas políticas oligárquicas em que o poder político encontra-se firmemente na mão de aristocracias rurais.

^{*3} – Um mecanismo de integração das massas populares à vida política, mas realizou tal incorporação de forma “subordinada”, colocando a figura de um líder carismático e autoritário como interlocutor entre as massas e o aparelho de Estado, favorecendo o desenvolvimento econômico e social, mas dentro de uma

Iniciando ações políticas que romperam com a lógica das elites agrárias, auxiliando a institucionalização de práticas que dessem a identidade nacional, como a Luta Regional Baiana.

Assim, a emergência da capoeira enquanto uma prática oficializada apresenta-se em um cenário de ampla efervescência política e cultural. A oficialização da capoeira, no bojo das reivindicações estéticas da *Semana de Arte Moderna de 22*⁹, respondia, neste contexto, a necessidade do Estado Getulista (1930-1954) para a construção de uma política pautada no nacionalismo.

Neste contexto, o Estado brasileiro apresentava-se em transição de uma elite aristocrática, de base econômica agrária, a uma elite industrial burguesa (parcialmente em regiões sul e sudeste do Brasil), com uma identidade construída à luz de países como França, Inglaterra e Estados Unidos.

Vejamos como Marx retrata o desenvolvimento tardio no interior do ciclo de desenvolvimento econômico mundial:

[...] não se trata do grau mais elevado ou mais baixo de desenvolvimento dos antagonismos sociais que decorrem das leis naturais da produção capitalista. [...] dessas tendências que atuam e se impõem com necessidade férrea. O país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido tão somente a imagem do próprio futuro (MARX, 1988, p. 18).

As “*leis naturais da produção capitalista*” no Brasil são demonstradas por FERNANDES, 2006, fazendo as devidas adequações ao *tempo econômico* com relação à conjuntura da revolução burguesa brasileira:

[...] existe ou não uma “Revolução Burguesa” no Brasil? Há uma tendência, bastante forte e generalizada, no sentido de negá-la, como se admiti-la implicasse pensar a história brasileira segundo esquemas repetitivos da história de outros povos, em particular da Europa moderna. A questão estaria mal colocada, de fato, se se pretendesse que a história do Brasil teria de ser uma repetição deformada e anacrônica da história daqueles povos. Mas não se trata disso. Trata-se, ao contrário, de determinar como se processou a absorção de um padrão estrutural e dinâmico de organização da economia, da sociedade e da cultura. Sem a universalização do trabalho assalariado e a expansão da ordem social competitiva, como iríamos organizar uma economia de mercado de bases monetárias e capitalistas? É dessa perspectiva que o “burguês” e a “Revolução Burguesa” aparecem no horizonte da análise sociológica. Não tivemos todo o passado da Europa mas reproduzimos de forma peculiar o seu passado recente, pois este era parte do próprio processo de implantação e desenvolvimento da civilização ocidental moderna no Brasil. Falar em Revolução Burguesa, nesse sentido, consiste em procurar os agentes humanos das grandes transformações histórico-sociais que estão por trás

moldura estritamente burguesa.

⁹ Semana que inaugura a fase modernista dos artistas brasileiros (mais restrito a capital do Estado de São Paulo, centro econômico do país), rompendo com os padrões estéticos importados da Europa.

da desagregação do regime escravocrata-senhorial e da formação de uma sociedade de classes no Brasil (Idem, *ibidem*, p. 37).

Neste contexto, buscavam-se nas manifestações populares, a exemplo da capoeira, as referências para uma construção forçosa de uma idéia de estado-nação e identidade de um povo, muitas vezes equivocada de conceitos relacionados a elementos da cultura corporal¹⁰: esporte¹¹, ginástica¹², arte marcial¹³, etc. Esses equívocos conceituais, que ainda povoam o senso comum e alguns escritos, deram a base do entendimento da prática da capoeira. Enquanto luta¹⁴, forma de sua gênese, seus elementos podem ser associados a diversos seguimentos que a potencializam enquanto: jogo (esporte), ginástica, e elementos que traduzem a forma como os homens se relacionam no momento histórico e na forma social destes aspectos citados.

A idéia de Estado nacional, segundo Chauí, é desenvolvida pelo movimento do Romantismo, “[...] Em outras palavras, com o Romantismo surgiram às idéias de arte popular e cultura popular como manifestações da tradição ou espírito de um povo [...]” (CHAUÍ, 2003, p. 288), mas somente no Modernismo evidencia-se um *modo de vida* representativo da identidade da *nação brasileira*, visto que os intelectuais brasileiros, à moda dos “Intelectuais e artistas europeus consideravam que a nacionalidade constituía o espírito de um povo, o qual se exprimia na língua, nos costumes, na religião, nas artes e nas tradições nacionais” (Idem, *ibidem*, p. 288).

Essa idéia de representação de brasilidade acompanha a capoeira desde antes de sua inserção na sociedade civil, nos meados da década de 1930, até os dias de hoje.

[...] essa corrente artística coincide com uma situação histórico [sic] determinada, qual seja, a consolidação e o fortalecimento dos Estados nacionais, que passaram a ser definidos pela unidade de língua e religião e pela unidade territorial ou política. Surge a idéia política de nação e, com ela, o fenômeno do nacionalismo (Idem, *ibidem*, p. 288)

Mas como, neste contexto, a capoeira se transforma em mercadoria¹⁵? Inicialmente consideramos que a capoeira se constitui como uma manifestação humana, originada no conflito de classes antagônicas, e em determinado momento no (decênio de 1930) assume a forma social determinada pelos desígnios da mercadoria.

¹⁰ Termo desenvolvido no coletivo de autores de 1992 para designar ação corporal humana, ação consciente de transformação da natureza, transformando-se simultaneamente.

¹¹ Segundo BRACHT, 2003, esporte é a fase avançada do jogo, que assume características espetacularizantes e generalizantes, traduzido por regras, expansão e seleção. Todo esporte é jogo, mas nem todo jogo é esporte.

¹² Segundo LANGLADE & LANGLADE (1970), o termo significa “*exercitar o corpo nu*” (gymnus). Prática surgida na Grécia Antiga (mais específico na Cidade-Estado Atenas), numa sociedade escravista e a primazia do trabalho intelectual, surge a necessidade de exercitar o corpo, com o objetivo do mantê-lo belo e prepará-lo para as atividades de guerra. Por conta da divisão social do trabalho, os gregos atenienses tinham longos períodos de ócio.

¹³ As Artes Marciais – em homenagem ao deus da mitologia greco-romana (Marte – Ares) – são técnicas e práticas de combate militares, desenvolvidas para guerra (luta com sentido da guerra). Toda arte marcial é luta, mas nem toda luta é arte marcial. Nesse caso são lutas desenvolvidas para essa finalidade no *corpo militar*: pugilato (boxe), esgrima, entre outras.

¹⁴ Luta é caracterizada pela idéia agonista, de sobrepujar o outro (física, ideológica, política entre outras formas de luta).

¹⁵ “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie.” (MARX, 1988, p. 45).

INSERÇÃO DO ‘CAPOEIRA’ NA SOCIEDADE DE CLASSES¹⁶

Após a abolição da escravidão (13 de maio de 1888) as frentes de trabalho menos qualificadas passam a ser ocupadas pelos ex-escravos, dada às novas condições das forças produtivas e nível técnico que eram necessários para outros postos. Neste contexto, os capoeiras eram absorvidos no mercado de trabalho por uma qualificação beligerante, característica dos praticantes desse momento histórico.

A escola, por sua vez, era um privilégio para um segmento muito restrito da sociedade, no qual, certamente, não estavam incluídos os ex-escravos. A capoeira, nesse contexto, apresenta-se como um instrumento a serviço dos Aparelhos Repressores do Estado, da Burguesia e da Aristocracia (SOARES, 1994).

A *força de trabalho*¹⁷ do leão de chácara, do malandro do cais do porto e das maltas cariocas, que constituíram a capoeira dos anos 10, 20 e 30 do século XX no Brasil (PIRES, 2001), ainda não se realiza sob a forma ritual da capoeira (RÊGO, 1968). Marx, (1988) no capítulo I – A Mercadoria – nos mostra que a forma social da força de trabalho depende de sua relação com os donos dos meios de produção. O que até hoje não se tem nenhuma documentação sobre essa forma específica de relação na capoeira nesse período.

A relação de troca na capoeira já existia antes do Centro de Cultura Física Regional, quando a capoeira era um conhecimento a ser comprado sob a materialização do ensino, shows e luta. A diferença está na mudança estrutural que fez da Luta Regional Baiana num emblema dessas transformações sob a égide da mercadoria, ou melhor, sob a determinação da troca.

Essa relação é desenvolvida principalmente no processo de ensino-aprendizagem, elemento notoriamente privilegiado no mundo *dos capoeiras*, e é sob esse signo de um conhecimento materializado em ensino sistematizado, que a capoeira encontra na contradição interna entre produção e consumo sua forma mercadoria.

Assim, a capoeira se constitui enquanto mercadoria quando passa a ter possibilidade de troca. O Capoeira deve possuir alguma coisa para ser trocada, seu conhecimento materializado no ensino-aprendizagem da capoeira, passa a ter valor de uso para os que vão consumi-la. Esse valor de uso consiste, nesse momento histórico, em apreensão de um bem cultural ou em forma de luta-ritual, etc... “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa.” (MARX, 1988, p. 45)

No caso da capoeira, a vontade daquele que consome institui as mudanças estéticas¹⁸, metodologia de ensino¹⁹ se adapta, nestes termos, a lógica da sociedade soteropolitana da época. A necessidade de legitimação da capoeira frente às instituições escolares de educação; educação física surge na exigência de métodos ginásticos sistematizados; apoiados nas ciências naturais, especialmente médicas, a fim de atribuir um caráter de cientificidade as práticas da capoeira; no horizonte das necessidades mais gerais

¹⁶ Utilizamos esse subtítulo fazendo uma alusão ao livro do Florestan Fernandes, intitulado *A inclusão do Negro na sociedade de Classes*.

¹⁷ Em O Capital, Marx define a força de trabalho como um dos elementos mais importantes da forma capital, D-M-D’, que é conseguido pela forma da mais valia. Trabalho produtor de mais-valor, que é o excedente de horas de trabalho explorado pelo capitalista.

¹⁸ No caso da Luta Regional Baiana, as alterações estão ligadas às concepções de ciência positivista, e no específico, as ciências médicas e instituições militares.

¹⁹ As oito seqüências do Mestre Bimba do ensino da Luta Regional. Subdivididas com o objetivo de aprendizado do movimento em períodos mais curtos (produção), 6 meses e completo domínio da seqüência de ensino. O que possivelmente sejam influências do *taylorismo* na formação metodológica do currículo da *Capoeira Regional Baiana*.

a que estavam submetidas às práticas corporais. Formar o novo trabalhador, organizado, respeitando a hierarquia da fábrica, refletindo os mesmos padrões de patentes militares.

Em outras palavras, a capoeira precisava se adequar às normas sociais, incorporando assim, a idéia de *ordem e progresso*.

No bojo dessas transformações acentuamos que um dos elementos mais significativos da época é da capoeira passar a ser executada em ambientes fechados e em horários pré-determinados. Essa forma de organização do trato com a capoeira é, então, difundida para resto do Brasil e na atualidade, nos mais de 132 países em que se pratica capoeira, como nos mostram os dados organizados por (FALCÃO, 2004, p. 4).

CONCLUSÃO

Concluimos que, as transformações da capoeira – da marginalidade à aceitação social – estão essencialmente ligadas a sua adaptação a forma mercadoria, o que não seria possível sem que o valor de uso da capoeira saísse do horizonte do produtor e fosse socialmente reconhecido pelos consumidores, nas décadas de 1930 e 1940.

A necessidade do Mestre Bimba, por sua vez, era o que Marx denomina “[...] meio de subsistência” (MARX, 1988, p. 45), necessitava, em outras palavras, trocar o produto do seu trabalho por outras mercadorias (comida, moradia, lazer, vestimentas etc...) ali materializada enquanto um conhecimento prático da ‘Luta Regional Baiana’ em forma de aula.

Assim, a capoeira quando subsumida a relação de mercadoria, ocorre um distanciamento daquele que a produz, ou seja, um estranhamento do homem com produto de seu trabalho.

O que os representantes da Luta Regional consideravam uma evolução, nós consideramos o início do estranhamento entre produto e produtor, em suas próprias palavras “Eu tirei a capoeira debaixo da pata do boi [...]” (BIMBA, apud DECÂNIO FILHO, 1996-B). Nós acreditamos na superação da capoeira enquanto mercadoria, pela capoeira enquanto uso universal e atrelado a sua história enquanto produto do trabalho humano.

Partindo desse momento reflexivo, concluimos que para a superação da atual condição da capoeira enquanto mercadoria é necessário entender suas determinações mais gerais como o seu movimento específico, realçando a importância do aprofundamento histórico, dissecando seus elementos fundantes, pois trata-se do alvo a ser atingido, a forma privada de produção e reprodução da vida.

Por essas razões é que estruturamos o argumento para pensar uma capoeira que se estruture de acordo com as necessidades atuais dos trabalhadores, que tenha no horizonte a revolução socialista.

REFERÊNCIAS

- ABREU, F. J. de. **O Barracão do mestre Waldemar**. Salvador-BA, Zarabatana, 2003.
- _____. **Capoeiras – Bahia, Século XIX: imaginário e documentação**. Salvador-BA, Instituto Jair Moura, 2005.
- ANDERY, M. A. P. A. et ali. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. 13ª ed. – Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2004
- ANNUNCIATO, D. P. **Liberdade disciplinada: relações de confronto, poder e saber entre capoeiristas em Santa Catarina**. [dissertação]. Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.
- BIMBA, Mestre. **Curso de capoeira Regional**. Salvador-BA, s/d. (encarte), 1942.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma Introdução**. 2 ed, SP: Unijuí, 2003
- BRASIL. Código de Processo Penal (1941). **CÓDIGO DE PROCESSO PENAL: Decreto-Lei n. 3.689, de 03-10-1941**. 42. ed. São Paulo : Saraiva , 2002.968 p. in www.infolegis.com.br/guiaprt.htm#codigos
- CHAUÍ, M.. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. **CÓDIGO PENAL DE 1890; LIVRO III – DAS CONTRAVENÇÕES EM ESPECIE – Capítulo XIII — Dos vadios e capoeiras (arts. 399 a 404)**. Decreto 847, de 11 de outubro de 1890
- COLETIVO AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DECÂNIO FILHO, A. A. **Herança de Pastinha**, Salvador-BA, 2ª Edição Eletrônica, Ed. São Salomão, 1996-A.
- _____. **A Herança de Mestre Bimba**, Salvador-BA, 2ª Edição Eletrônica, Ed. São Salomão, 1996-B.
- EAGLETON, T. **A idéia de cultura** - São Paulo: Editora UNESP, 2005
- FALCÃO, J. L. C. **A Escolarização da Capoeira**. Brasília-DF, ASEFE - Royal Court, 1996.
- _____. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. [tese]. Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2004.
- FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 5ª ed. São Paulo-SP: Globo, 2006.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 14ª ed.: São Paulo-SP, Loyola, 2005
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed.: São Paulo-SP, Companhia das Letras, 1995
- KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. São Paulo-SP, 7ª Ed., Paz e Terra. 2002.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. 3 ed. – São Paulo: Nova Cultural, coleção; Os economistas, 1988
- PASTINHA, V. F. **Capoeira Angola**. Salvador, Séc. de Cultura da Bahia, 1988.
- PIRES, A. L. C. S. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950)**. Tese (Doutorado em História), Departamento de História. Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- REGO, W. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, L. V. de S. **A capoeira no Brasil: o mundo de pernas para o ar**. São Paulo, 2ª Ed. Publisher Brasil. 2000.

RISÉRIO, Antônio, **Uma história da cidade da Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SILVA, B. E. S. **Menino Qual é teu Mestre?** A Capoeira Pernambucana e as Representações Sociais de Seus Mestres. [dissertação] Centro de Ciências do Desporto – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006

SOARES, C. E. L. **A negregada instituição:** os capoeiras no Rio de Janeiro, 1850-1890. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

TAFFAREL, C. N. Z. Capoeira e Projeto Histórico. In DAMIANI, I. R. e SILVA, A. M. (orgs.) **Práticas Corporais vol. 1:** Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física. Florianópolis-SC: Noemblu. 2005. pp. 75-97